



UNIVERSIDADE
CANDIDO MENDES

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

Licenciatura em Letras

Ana Terse Tamegão Fabian de Souza

**LIVROS PARADIDÁTICOS NAS ESCOLAS: PRÁTICAS DE LEITURA
DO LIVRO *LUDI E OS FANTASMAS DA BIBLIOTECA NACIONAL*, DE
LUCIANA SANDRONI**

Rio de Janeiro/ RJ

2022

Ana Terse Tamegão Fabian de Souza

**LIVROS PARADIDÁTICOS NAS ESCOLAS: PRÁTICAS DE LEITURA DO LIVRO
LUDI E OS FANTASMAS DA BIBLIOTECA NACIONAL, DE LUCIANA SANDRONI**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação em Licenciatura em Letras-Português da Universidade Candido Mendes.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sarita Costa Erthal

Rio de Janeiro/ RJ

2022

Ana Terse Tamegão Fabian de Souza

**LIVROS PARADIDÁTICOS NAS ESCOLAS: PRÁTICAS DE LEITURA DO LIVRO
LUDI E OS FANTASMAS DA BIBLIOTECA NACIONAL, DE LUCIANA SANDRONI**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação em Licenciatura em Letras-Português da Universidade Candido Mendes.

Aprovado (a) em: 06 de dezembro de 2022

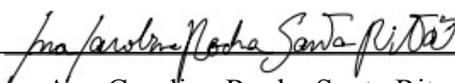
Banca Examinadora:



Sarita Costa Erthal - Orientadora
Doutora em Letras Neolatinas (UFRJ)
Universidade Candido Mendes



Márcia Helena de Sá Gomes
Especialista em Mídias e novas tecnologias no ambiente escolar (UNIFLU)
Colégio Centro de Estudos



Ana Carolina Rocha Santa Rita
Mestra em Letras (UFF)
Universidade Candido Mendes

Rio de Janeiro/ RJ

2022

**LIVROS PARADIDÁTICOS NAS ESCOLAS: PRÁTICAS DE LEITURA DO LIVRO
LUDI E OS FANTASMAS DA BIBLIOTECA NACIONAL, DE LUCIANA SANDRONI**

Ana Terse Tamegão Fabian de Souza¹

RESUMO

O livro intitulado *Ludi e os Fantasmas da Biblioteca Nacional* (SANDRONI, 2017) possibilita discussões sobre a importância da leitura dentro da escola. Este artigo aborda questões relativas ao uso de meios de incentivo a essa prática, como temas que despertam o interesse do aluno e estabelecem relações com seu cotidiano. O livro *Ludi* é uma homenagem da autora Luciana Sandroni aos 200 anos da Biblioteca Nacional, através da narrativa de uma aventura, na qual a família Manso vive em meio a fantasmas do século passado e livros raros de autores, como Castro Alves. É uma viagem de conhecimento do mundo, a qual desperta a imaginação. O objetivo deste artigo é refletir sobre estratégias de leitura como a contação de histórias em rodas na sala de aula. Nortearam esse artigo autores como Laguna (2012) e Lajolo (2004).

Palavras chave: Livro Paradidático, Estratégias de Leitura, Sequência Didática.

ABSTRACT

The book entitled *Ludi e os Fantasmas da Biblioteca Nacional* (SANDRONI, 2017) enables discussions about the importance of reading within the school, this article addresses problems related to the use of means to encourage this practice, through topics that arouse the student's interest and establish relationships with your daily life. The book *Ludi* is a tribute by author Luciana Sandroni to the 200th anniversary of the National Library, through an adventure narrative, in which the Manso family lives in the midst of ghosts from the last century, rare books by authors such as Castro Alves. It is a journey of knowledge of the world and awakening of the imagination. The purpose of this article is to work on reading strategies such as storytelling in circles in the classroom. Authors such as Laguna (2012) and Lajolo (2004) guided this article.

Keywords: Paradidactic Book, Reading Strategies, Following Teaching.

¹ Graduanda em Licenciatura de Letras Português Literatura, pela Universidade Cândido Mendes. E-mail: anaterse@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir sobre estratégias, como rodas de leitura com os alunos em sala de aula, utilizando o livro paradidático *Ludi e os fantasmas da Biblioteca Nacional*, de Luciana Sandroni (2017). Vamos analisar como, pelo desenvolvimento de determinadas atividades, é possível chegar a um denominador comum, resgatar o interesse dos estudantes para leitura dos livros propostos e melhorar seu desempenho escolar.

A partir desse objetivo, surgem as seguintes inquietações: por que muitos alunos, ao passar dos anos, perdem a disposição para a leitura? Por que esses indivíduos apesar dos incentivos que a escola e o professor oferecem, à medida que crescem, perdem o encanto pela leitura e pelo livro? Por que as políticas públicas se tornam ineficazes, dando pouco incentivo financeiro à educação e a projetos que afastariam os altos índices de analfabetismo, de repetência e de evasão escolar? Como será possível desenvolver atividades que levem o aluno a se inserir no mundo de uma linguagem que o transforma num leitor crítico, assegurando seu direito de cidadão e realização social? Por que o livro paradidático pode contribuir para melhorias no quadro educacional da atualidade?

Se o professor deve ser um leitor, o ato de leitura não pode ser visto por ele como sendo um dever, uma obrigação em cumprir metas e currículos, para, conseqüentemente, impor aos alunos tarefas e trabalhos, que muitas vezes não foram bem assimilados, o que lhes gera uma visão equivocada do ato de ler obras capazes de estimular seu imaginário de forma prazerosa. Muitas vezes, tentativas mal estimuladas pelos docentes causam, nos estudantes, uma sensação de fracasso, quando estes não conseguem fazer seus deveres que precisam ser realizados com base na leitura.

Vale ressaltar que o processo construtivo do hábito de leitura, por parte dos alunos, necessita de constante incentivo, dentre eles, a leitura livre ou através de mecanismos motivadores. O ato de ler, em sua essência, proporciona ao leitor a oportunidade de recriar o mundo em que se está inserido, promovendo o intelecto e sua capacidade criativa. Sandroni e Machado (1988, p. 15) apontam que “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas”. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e a interpretar sua experiência da vida real.

É importante destacar, ainda, que o trabalho com a leitura é um ato político, que envolve a aquisição de conhecimento e desenvolvimento do senso crítico. Cabe à escola e aos

professores decidirem se a leitura que eles oferecem e o leitor que eles querem formar conseguirão desenvolver essas habilidades ou se tornarão produtos de meio de uma sociedade

alienada e incapaz de enfrentar os desafios. Diante do cenário que vivemos hoje em nossas escolas, com nossos alunos, este estudo pretende elucidar como desenvolver no estudante o prazer pelos livros paradidáticos, o que pode ocorrer por meio de rodas de leitura, pela audição dessas histórias e pelo contato com vários gêneros textuais, favorecendo o senso crítico, o conhecimento linguístico e a escrita, cada vez mais adequada aos gêneros textuais necessários nas mais diversas situações de suas vidas.

Pretende-se resgatar o prazer pela leitura de onde ele foi perdido, por meio de textos alegres e divertidos, incentivando eficazmente o estudante, trazendo-o de volta ao mundo encantado e encantador do livro paradidático. Por esse motivo, esta pesquisa propõe práticas de leitura a partir do livro paradidático *Ludi e os fantasmas da Biblioteca Nacional*.

A seguir, antes da abordagem do universo literário proposto pelo objeto em questão, traçaremos um breve trajeto acerca da educação no Brasil e da presença dos paradidáticos como instrumento de auxílio ao trabalho realizado em sala de aula.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Em se tratando de educação no Brasil, é importante refletir sobre a sua história no país, assim como a da leitura, uma vez que sempre estiveram associadas. Essas duas práticas instauradas seguem os mesmos passos e são determinadas pelos mesmos processos cultural, social, econômico e político (LAGUNA, 2012).

O início da educação no Brasil começou com a vinda dos portugueses, no século XVI. Portugal arrumou de povoar as novas terras descobertas para impedir a entrada de invasores. Com a chegada dos Jesuítas, em 1549, que tinham como função catequizar os índios, foi ensinado a eles a fé cristã, o básico da leitura e a contar. Isso causou um processo de aculturação, pois as suas crenças e seus costumes eram desvalorizados. Nesse contexto, muitos índios não aceitavam e lutavam contra essa imposição. Desde então, a educação no Brasil era deixada em um nível de importância de segundo plano. (FÁVERO, 2000).

Alguma renovação surgiu com a vinda da Família Real em 1808, quando começou-se a pensar em um novo rumo para a educação, pois, com os Jesuítas, nada foi estruturado para a educação. Aconteceram mudanças culturais, mas nada melhorou a questão da educação: sem

imprensa, sem livros, o analfabetismo crescente, uma minoria abastada letrada. Mas em 1820, com a Revolução do Porto, com o fim da censura e o aumento das tipografias, conseguimos um aumento nas leituras. D. João volta a Portugal, seu filho D. Pedro I proclama a Independên-

cia e cria-se a primeira constituição Brasileira que diz: “a instrução primária é gratuita para todos os cidadãos” (BRASIL, 1824).

Sem termos ainda nada melhor para oferecer à educação, e com professores sem preparo, criou-se o “Método Lancaster”, no qual um aluno, sob a orientação de um supervisor, ensinava a dez alunos. Foi em 1930 que tivemos uma melhora. Com a Revolução Industrial e um crescimento das indústrias, precisávamos de mão de obra qualificada e uma educação de massa. Nesse sentido, o ensino secundário ficou restrito a classes privilegiadas e o profissionalizante, para o povo. Houve a criação do Senac e do Senai, mas a crise da educação continuava em segundo plano, pois não havia investimentos na leitura e na escrita.

De acordo com Silva (1986, p. 21),

a “crise da leitura” com índices baixíssimos de qualidade de leitura não é um problema somente de nosso século. XX e XXI. Ela vem sendo produzida desde o período Colonial, em paralelo com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas bem estruturadas nas escolas e com a inexistência de políticas concretas, menos utópicas, para a popularização da leitura e do livro.

Considerando a seriedade da questão, a leitura desponta, não só hoje, mas, desde sempre, como uma possibilidade de mudança de perspectivas muitas vezes arraigadas na sociedade e capazes de estimular práticas que prejudicam o bom desenvolvimento do cidadão e, conseqüentemente, da sociedade. Além de permear toda prática pedagógica, sendo responsável pelo autodesenvolvimento contínuo, mesmo após o término do ensino formal, através da leitura, pode-se sair da alienação, causada pela estagnação de ideias, tornadas obsoletas devido a mudanças históricas (LAGUNA, 2012). Essa consciência do processo de ensino e aprendizagem da leitura possibilita ao professor fazer uma avaliação sobre questões que precisam ser debatidas e, a partir delas, direcionar sua prática. Por meio dessa avaliação e direcionamento das práticas, esse professor poderá desenvolver melhor suas atividades dentro de sala de aula.

Segundo Silva (1994), ao se afirmar que o trabalho escolar visa conseguir leitores conscientes, críticos e criativos durante e após sua vida escolar, supõe-se que os professores

desenvolvam de forma crítica e criativa sua relação com os sujeitos-leitores que participam de sua ação, como propõe Magnani (2001, p. 104):

O professor deverá saber [...] que é preciso trazer a leitura para a sala de aula, para despertar o sabor de ler, que é preciso propiciar condições para o prazer com satisfação das necessidades, para a consciência da moda e do aspecto social da leitura e do gosto, para a argumentação fundamentada e para o julgamento estético, com vistas a tomada de consciência das ações e funções dos propósitos do sujeito-leitor.

A partir de 1972, nasceram os livros paradidáticos, a partir das discussões sobre a necessidade de autores brasileiros produzirem para crianças e jovens buscando formar, por meio deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. Conforme Laguna (2012), “por conta desses novos caminhos, as editoras passaram a investir em textos alternativos, com temas e linguagem mais acessível, introduzindo o aluno no universo da leitura e preparando-os para obras mais complexas”. De 1980 até o presente, os responsáveis pelo comércio de livros têm investido num mercado considerado amplo e promissor. Hoje os livros paradidáticos atendem à literatura e a todas as outras disciplinas, procurando ajudar os professores e enriquecer a vida do aluno (CAMPELLO; SILVA, 2018).

O termo paradidático é recente no Brasil e para critério de classificação de catálogos nas das editoras e pesquisas acadêmicas, porém, segundo Munakata (1997), esse tipo de impresso já é utilizado em outros países com o mesmo objetivo e que se origina desses países a publicação no Brasil. Esse material tem benefícios, pois, com termos adequados, os livros procuram despertar o hábito da leitura e levantar questionamentos que antes ficavam na responsabilidade escolar. Eles têm o objetivo de complementar informações de maneira leve e frágil. Além disso, apresentam preços populares, longa vida editorial, direcionamento a crianças e jovens para além do espaço escolar, temas transversais, linguagem mais acessível, apresentam termos que as escolas jamais pensam em abordar, encontrando em livros de autores responsáveis que procuram participar do salto cultural que o país quer dar (CAMPELLO; SILVA, 2018).

Apesar de seu valor para a contribuição do trabalho docente, é fundamental que professores tenham olhar crítico com relação a seu conteúdo, a fim de discutir as questões levantadas na obra de modo que engendrem a reflexão dos alunos acerca das diversidades, pois é comum que muitos livros divulguem padrões comportamentais, como destacam Costa e Rodrigues (2015):

Os livros paradidáticos são um lugar mágico de desvelamento, contudo, informam, formam e imprimem estetização e modalidades comportamentais que podem ser revestidas em padrões de ser, estar e se comportar. Ao lê-lo, a criança mescla seu imaginário com o imaginário estimulado pelo livro e passa a adotá-lo como lugar de prazer, onde pode encontrar um mundo perfeito, bastando para isso, explorá-lo, onde a fantasia e as diferentes emoções entrelaçam-se, dialogam e entram em conflito, criando formas, normas e possibilidades de desenvolvimento cognitivo e afetivo. Por isso, é inquestionável, como aborda Franz (2001, p. 16) que a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas.

De Pietri (2007, p. 79) afirma que, além disso, o texto literário na escola teria a função de levar o aluno a conhecer exemplos de escolas literárias e características de determinado autor. De fato, o livro nos leva a conhecer diversos gêneros literários, faz-nos viajar num mundo de aprendizado, de fantasia, de realidade retratada de forma mais humanizada. Isso é o que precisamos entender, o que a leitura nos oferece, a humanização, a magia e a educação. Nesse sentido, o livro paradidático, além de tratar de assuntos do imaginário, também nos enche de histórias de acontecimentos passados e atuais, sendo de suma importância dentro da sala de aula.

Para envolver os estudantes com a leitura, Leonor Werneck Santos (2011) propõe “atividades mais voltadas para o lúdico, que podem ser uma peça teatral sobre o tema do texto ou livro, bem como histórias em quadrinhos que podem ser criadas e ilustradas a partir do texto trabalhado em aula”. E, sobre esse texto escolhido, devemos desmembrá-lo, a ponto de observar todos os assuntos que ele possa nos oferecer para estudo, com quais temas ele dialoga. O objetivo a alcançar é formar leitores críticos, capazes de entender a mensagem que o livro paradidático proposto tem a passar, assim como o que é dito nas entrelinhas. Almeja-se que esse livro seja a porta de entrada para outros, que, por meio de estratégias sugeridas por professores, atraia a atenção dos alunos, estimulando-os a desenvolver o prazer pela leitura. É importante transformar a hora da leitura em uma grande festa dentro de sala de aula, utilizando a criatividade desses indivíduos, por meio de brincadeiras, competições literárias, jogos, narrações criativas, ou seja, uma festa da leitura.

Para isso, é preciso fornecer meios para esse aluno, como a leitura de jornais, revistas, livros, poesias, acesso à biblioteca, livrarias, etc. O incentivo à leitura constante cria familiaridade com o mundo da escrita; essa proximidade facilita o entendimento do que está sendo lido, a interpretação mais adequada do texto. Segundo Lajolo (2004, p. 7), “devemos,

como educadores, criar em sala de aula, espaços de leitura aconchegantes, momentos agradáveis que estimulem o prazer de ler e a reflexão sobre a leitura”.

Leitura e a literatura, de acordo com Laguna (2012) assumem uma função mais complexa do que só mero ornamento, servem como ponte para a compreensão de mundo e despertam interesse para diversas camadas sociais, já que a leitura é uma atividade que nos fornece uma visão ampla da sociedade, mas esse conhecimento poderá ser adquirido de maneira mais prazerosa e não imposta. Cabe aos professores trabalhar com os livros paradidáticos de forma inovadora, criativa, sempre renovando suas práticas pedagógicas. Para Santos (2011), “é

necessário analisar onde estão as falhas e procurar corrigi-las, para que essa atividade deixe de ser enfadonha e passe a proporcionar ao aluno o prazer de ler”.

Para esta reflexão, será feita uma sugestão de atividade, em que colocaremos o passo a passo de cada tarefa com o livro *Ludi e os Fantasmas da biblioteca*. Como aporte teórico, utilizamos Lajolo (2004) e Laguna (2012). Assim, será possível observar a importância do livro paradidático, a atuação da escola e de professores na interação do tema e o contexto sócio-político-econômico, além da perda do gosto de ler com o passar dos anos e o resgate da leitura. O desenvolvimento da pesquisa bibliográfica será de caráter qualitativo, e a sugestão de atividade é adequada ao segundo ciclo do ensino fundamental.

A ESCOLHA DO LIVRO *LUDI E OS FANTASMAS DA BIBLIOTECA NACIONAL*

Segundo Ferreira e Melo (2016), o livro paradidático não tem a intenção de somente servir ao estudo da Literatura, pois ele pode ser utilizado em várias outras disciplinas, como Matemática, Biologia, História, Química e Geografia, de forma bem cuidada e com narrativas acessíveis ao público destinado. O livro *Ludi* nos possibilita trabalhar essa abordagem interdisciplinar. Por esse motivo, o texto de Sandroni tem muito a contribuir tanto para despertar o gosto pela leitura como para que os estudantes aprofundem seu conhecimento de mundo.

Quando começamos sua leitura, vamos encontrando, ao passo que saboreamos sua história, esse diálogo entre as disciplinas. Por meio do fantasma do bibliotecário Luís Joaquim dos Santos Marrocos, da Real Biblioteca Portuguesa, do tempo de D. João VI, hoje

conhecida como Biblioteca Nacional, o leitor tem acesso a preciosidades, como moedas, bíblias, mapas e *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, que nos remete a temas da literatura de 1572, gênero literário épico.

Ao abordar a vinda da família Real para o Brasil, assim como seus livros que ficaram no porto em Portugal, e só atravessaram o Atlântico em 1810, é possível desenvolver trabalhos, juntamente com o professor de História, de forma que os alunos pesquisem e criem novas narrativas. Outro assunto, de tema atual, é revelado pela preocupação do bibliotecário, que teme o roubo das relíquias. É possível desenvolver, então, com o professor de Geografia, estudo e debate sobre a violência urbana, tão atual e com que muitos alunos convivem de perto. Além disso, o pré-sal (uma área de reservas petrolíferas, que fica debaixo de uma profunda camada de sal) é mencionado na história, e outro estudo na área da Geografia pode ser desenvolvido.

Há ainda uma crítica às políticas urbanas, quando Dona Sandra diz: “A Rua Senador Vergueiro já havia se transformado em um Rio Amazonas [...]”. Temos também a promoção da Dona Sandra, que passa a cobrir assuntos referentes à cultura, como os Duzentos anos da Biblioteca Nacional e a importância desse acervo cultural para nossa sociedade, o que reforça os estudos de História e Literatura. Sobre Arquitetura, temos a descrição do prédio e dos estilos, como o clássico, o medieval, o barroco, as pinturas, como a *Ignorância*, de 1942, de George Biddle, uma viagem magnífica ao mundo das artes.

As crianças da narrativa falam do Fusca de 1968, um ano que ficou conhecido pela efervescência social, quando ideias revolucionárias se espalharam por diversas partes do mundo. Há o busto de Rui Barbosa, advogado, jornalista, orador e um grande estudioso da língua portuguesa. Também estão presentes gravuras e caricaturas de artistas famosos, como Debret, Rugendas, fotos de Marc Ferrez e outros fotógrafos famosos que retrataram imagens do Brasil; as coleções de Dona Maria Cristina esposa de D. Pedro II, e ainda a coleção de D. Pedro com fotos, mapas, gravuras e livros. Trata-se de um verdadeiro tesouro cultural, sobre o qual pode ser realizado um projeto interdisciplinar com professores de Artes, a partir dessas informações do livro.

O texto aborda o escritor Carlos Drummond de Andrade, que frequentava a biblioteca e sempre se sentava na mesa número 4, numa sala com cento e vinte mesas e dez milhões de livros. Em uma das salas da biblioteca, está o busto, em mármore carrara, de D. João, feito por um artista chamado Leandro Biglioschi. Além disso, há informações preciosas, como o

que D. Pedro teve que pagar à Coroa Portuguesa para que a Biblioteca Real permanecesse no Brasil.

Na Biblioteca, é guardado o projeto da Lei Áurea, parte do processo criminal de Tiradentes, cartas de D. João a Marquesa de Santos, manuscritos de Machado de Assis, Euclides da Cunha, partituras de *O Guarani*, de Carlos Gomes e manuscritos de Castro Alves e Olavo Bilac. Há ainda a Bíblia de Mogúncia (1462 o mais antigo incunábulo).

Como se pode observar, em um livro paradidático, há muitos assuntos para serem discutidos e desenvolvidos com os alunos. Os temas podem ser trabalhados com outras disciplinas, por meio de projetos escolares, pesquisas, criação de novas histórias a partir das existentes, peças de teatro, filmes, debates, ou seja, uma infinita gama de possibilidades a serem estudadas, como a própria Literatura, por meio dos poetas mencionados no livro.

Esse livro é uma homenagem da Luciana Sandroni aos 200 anos da Biblioteca Nacional, completados em 29 de outubro de 2010. E não poderia ser uma história melhor para ser lida com os alunos do sexto e sétimo ano do ensino fundamental, pois é cheia de aventuras. Sobre a autora, Sandroni nasceu em 1962, é brasileira, graduada em Letras pela PUC-Rio de Janeiro,

9

laborou em bibliotecas escolares por dez anos. Seus livros infantis já foram premiados: recebeu o Prêmio Jabuti 1998 por *Minhas memórias de Lobato*, e selos de “altamente recomendado para crianças” concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Ludi e os fantasmas é um livro que leva as crianças numa aventura fantasmagórica. Tudo começou quando dona Sandra, uma jornalista da redação do Correio Carioca, não via a hora de chegar em casa após um dia cansativo de trabalho. Ela só conseguia pensar na comida que a Marga deveria estar fazendo para o jantar, o que as crianças estariam aprontando, porém, quando chegou na estação do metrô Flamengo, para sua surpresa, chovia muito e, para piorar, ela não tinha guarda-chuva. A rua Senador Vergueiro já estava alagada e, para chegar em casa seria outra aventura, mas podia ficar pior: toda molhada, quando sai do elevador, é atacada por três crianças agitadas e falando todas ao mesmo tempo.

Dona Sandra custou a acreditar em tudo o que estava acontecendo. Sem Marga (ajudante da casa), sem o senhor Marcos (seu esposo), mas com as crianças tagarelando sem parar. Seu filho mais velho, Chico, disse que iria ajudá-la com uma ideia, ligar para o disque pizza. Porém, para piorar, a luz acabou e, realmente, a melhor saída era pedir pizza e dormir para esquecer esse dia caótico. Mas, depois de um dia conturbado, vem uma manhã de sol. Tudo transcorre bem: um bom café da manhã, as crianças em silêncio, seu Marco saboreia

sua xícara de café, e seu Pacheco (o chefe), de bom humor, avisa a dona Sandra que ela passaria a trabalhar para o Caderno de Cultura. Sua primeira entrevista seria na comemoração dos 200 anos da Biblioteca Nacional.

Seu Pacheco pede a Dona Sandra que comece imediatamente sua entrevista. Dona Sandra vai com seu colega Teixeira para a Biblioteca. Quando chega em casa para o jantar, comenta sobre seu novo serviço e fala com as crianças sobre eles fazerem uma visita guiada pela maravilhosa Biblioteca Nacional. As crianças não se interessam muito pelo passeio, mas, quando escutam sobre fantasmas, imediatamente mudam de ideia e resolvem ir.

O dia amanhece ensolarado, todos muito alegres se direcionam ao fusquinha de seu Marcos, Dona Sandra vai falando sobre a arquitetura da Biblioteca, contando as histórias dos fantasmas que guardam os livros, sobre os funcionários escutarem correntes se arrastando à noite, sobre as obras do acervo, que são relíquias e ficam trancadas no cofre. Disse também que, quando soam as doze badaladas, os fantasmas dos escritórios, poetas, jornalistas, antigos bibliotecários, pesquisadores, leitores e tantos outros antigos usuários fazem a festa lá dentro.

Nessa jornada, a família Manso passou por vários momentos inusitados e assustadores. Por fim, a Biblioteca é fechada antes do tempo, e a família Manso fica presa nela. Quando anoitece, para espanto da família, todos os fantasmas começam a aparecer. Marga, que foi na

10

visita, quando vê o fantasma de Olavo Bilac, desmaia. As crianças ficam empolgadas com a visita e ao mesmo tempo assustadas com tantos fantasmas. Ainda assim, ficaram felizes por falar com Olavo Bilac e dar um conselho ao fantasma do seu Marrocos, um antigo bibliotecário que se preocupava em proteger o acervo raríssimo dos ladrões, no dia da comemoração dos 200 anos da Biblioteca Nacional.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA LEITURA

Quando pensamos em lúdico, o que vem a nossa mente imediatamente é a palavra brincar, e neste brincar estão incluídos jogos, brinquedos e divertimento, dando oportunidade de aprendizagem ao indivíduo. O lúdico não está somente no ato de brincar, mas também no ato de ler, apropriando-se da leitura como ato de conhecimento e compreensão de mundo (OLIVEIRA, 2006). Introduzir o lúdico no universo escolar dos indivíduos é uma maneira de

passarmos pelo universo infantil e chegarmos ao universo adulto, transmitindo conhecimento e interagindo com eles.

O processo de aprendizagem leitora e, conseqüentemente, da formação de um leitor, é uma tarefa complexa e que exige a criação de hábitos de leitura. Quando usamos a leitura literária, a leitura de histórias torna-se um instrumento para a criação de hábitos de leitura, sendo um auxiliar para o desenvolvimento da compreensão leitora. Essa compreensão se dá pela interação entre o leitor e o texto, e com a literatura literária conseguimos estimular esse diálogo na criança.

Quando contamos uma história às crianças de forma a interpretar essa narrativa, imitando falas dos personagens, de forma criativa, essas crianças vão interagir com a narrativa e serão capazes de gravar e recriá-la. Então, quando pedimos para esses indivíduos contarem a mesma narrativa que ouviram, ou que recriem uma nova narrativa a partir da narrativa que ouviram, ou que montem uma apresentação teatral, esses indivíduos serão capazes de fazer o que foi solicitado. O mesmo ocorre se levarmos esses indivíduos a uma exposição somente como meros espectadores: o conhecimento adquirido não será o mesmo daquele que é fruto da experiência de indivíduos que participam da criação dessa exposição. Eles participam mais ativamente, criando um sentimento positivo em relação à leitura e aprofundam a compreensão leitora.

O lúdico na leitura, como método de aprendizagem, como uma aula voltada para o interesse do aluno, segundo Oliveira (1985, p. 74), esse “é um recurso metodológico capaz de

11

propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a socialização, sendo, portanto, reconhecidos como uma das atividades mais significativas – se não a mais significativa – por seu conteúdo pedagógico social”.

Foi a partir dessa perspectiva que a escolha do livro *Ludi e os Fantasmas na Biblioteca Nacional* chamou a atenção para desenvolver um trabalho. Temos o lúdico presente o tempo todo nessa narrativa, na presença dos fantasmas, nas ventanias com janelas fechadas, no barulho de correntes, e várias outras aventuras que irão chamar a atenção dos alunos. Isso possibilita o desenvolvimento de boas atividades através da criatividade. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino aprendizagem. Dessa forma, a leitura no contexto escolar deve servir não somente como meio didático, para distração ou acalmar as crianças, mas como recurso rico de aprendizagem e conhecimento de mundo.

As Rodas de Leituras são uma prática que já vem sendo utilizada no Brasil, e em outros países, por professores de literatura e autores que são pagos para realizar as leituras do texto e ficarem à disposição para esclarecimentos e discussões do público. Podem ser realizadas em centro cultural ou espaço de lazer. Os professores ou autores leem os textos de forma pausada, em voz alta e depois iniciam uma conversa, tornando o ato da leitura um lazer, um prazer. (VARGAS, 2013)

O objetivo dessas Rodas é fazer crescer dentro do indivíduo o leitor que existe dentro dele. Esse professor de literatura ou escritor deve usar a entonação da sua voz, fazer pausas, seria uma leitura criativa, com a intenção de entreter quem está ouvindo, provocar o público alvo antes de iniciar a leitura com o assunto do texto e voltar a essas discussões no final da leitura. Na escola poderíamos desenvolver essas Rodas de Leitura com a participação dos alunos, poderíamos dividir o texto entre os alunos que gostam de ler na frente dos colegas e com tornado isso um hábito dentro de sala, poderíamos trabalhar com os alunos mais tímidos, dando a eles pequenos textos ou fragmentos de textos e trabalhando a impostação da voz, as pausas na leitura, a criatividade desses indivíduos. Depois realizamos uma conversa sobre o que foi lido, e trabalhamos a escrita recriando uma nova história.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA OU SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Sequência didática é um procedimento encadeado de etapas ligadas entre si para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente. Ela é desenvolvida e planejada para a realização

12

de determinados objetivos educacionais, com início e fim conhecidos tanto pelo professor, quanto pelos alunos. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98): “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. As atividades dividem-se em planejadas, diversificadas e adaptadas às particularidades da turma, com a finalidade de desenvolver as capacidades dos alunos. A produção final é a avaliação do que conseguiram aprender no decorrer da sequência didática e a avaliação das atividades desenvolvidas.

A proposta de sequência didática a seguir foi pensada para ocorrer durante cinco aulas de cinquenta minutos, em turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental. Tem como base o livro *Ludi e os Fantasmas da Biblioteca Nacional*, de Luciana Sandroni. Na obra escolhida, a

família Manso vive uma aventura fantasmagórica e dinâmica na Biblioteca Nacional. Como destacado anteriormente, o livro *Ludi* é muito rico em conhecimento, em informação. Então, propomos a realização de um projeto contando com a participação de colegas das disciplinas de Artes, História e Geografia, tendo os alunos como autores principais dessa empreitada.

Aula 1:

O título do livro será sugerido aos alunos um dia antes, com a intenção de aguçar a imaginação deles. Acredita-se que haverá muita agitação em sala de aula e que todos conversem entre si a respeito do livro. Para a aula ser mais dinâmica, o ideal é que ela ocorra na biblioteca. Outros livros disponíveis, uma atmosfera de silêncio, o colorido das mesas e o espaço multimídia deixariam esses alunos encantados, e eles já iriam se familiarizando com esse ambiente. Os alunos devem se sentar confortavelmente e inicia-se a conversar sobre o título do livro. Cada um deverá escrever o que entenderam sobre o tema proposto pelo título *Ludi e os fantasmas da Biblioteca Nacional*. Avaliação da Aula 1: os alunos deverão ser capazes de debater sobre o título do livro escolhido e sobre o que acreditam que encontrarão nessa história.

Aula 2:

Todos na biblioteca sentados e em silêncio escutam atentamente a leitura que a professora faz do texto. Mas não será uma leitura apenas: deverá ser interpretada e contada de forma pausada, com entonação da voz adequada, interpretando a história. Na roda de leitura, contaremos com a participação do professor de História, que nos ajudará em momentos pontuais para esclarecer dúvidas dos alunos, deixando as crianças absorvidas no que estão escutando. Após o texto lido, realizaremos uma conversa sobre o que eles entenderam e tiramos

13

dúvidas. Tarefa a realizar: os alunos deverão ser capazes de identificar fatos históricos dentro do que escutaram e criar uma nova narrativa a partir do que foi lido, com os mesmos personagens e um novo fim. Avaliação da aula 2: observar a capacidade de entendimento e de criação dos alunos e a interação entre eles.

Aula 3:

Todos na biblioteca, reunidos, começam a contar sua nova narrativa, realizada na aula anterior, um de cada vez. Os colegas escutam atentamente cada história. Avaliação da aula 3:

todos devem ser capazes de criar novas narrativas sobre o tema escolhido, diferentes umas das outras. Reinicia-se a leitura do livro, com a participação do professor de História e de Artes. Os alunos, após a leitura, fazem perguntas aos professores convidados, tiram suas dúvidas e fazem questionamentos. Tarefa a realizar: em grupos, os estudantes criarão uma réplica do prédio da Biblioteca Nacional, com a orientação do professor de Artes.

Aula 4:

Mais uma vez na biblioteca, continua-se a leitura do livro, com a participação de mais um professor, o de Geografia. Os estudantes devem ser estimulados a fazer comentários sobre a violência urbana. Muitos deles já conhecem de perto essa violência, podem já ter presenciado ou ouvido algo a respeito em algum noticiário. Esses casos serão debatidos. Tarefa a realizar: desenvolver, com a orientação do professor de Geografia, um projeto em que criariam uma solução para esse problema. Poderá ser uma maquete, um vídeo, o que a criatividade deles permitir. Avaliação da aula 4: todos os alunos deverão criar seus projetos de formas diversas com a orientação dos professores convidados.

Aula 5:

Apresentação do projeto intitulado “As formas de entender aquilo que se lê”. Todos os alunos com seus projetos, vídeos, maquetes, entrevistas na Biblioteca Nacional, Saraus, preparam-se para uma festa cultural, com a participação de pais, professores, alunos e comunidade. O evento deverá ser marcado com a direção da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a relação entre leitura, escola, professor e a sociedade é necessário a todos que estão envolvidos com a educação. Somente por meio dessa discussão seremos capazes de chegar a uma solução e consertar o que está errado e desigual. A responsabilidade é de cada participante, como as políticas públicas, que deverão ser mais ativas e focadas na resolução e nas melhorias das condições de ensino; dos professores, que deverão estar cada vez mais

atualizados na sua prática em sala de aula; da família, que tem o direito e o dever de participar da vida de seus filhos na escola; e dos alunos, que têm capacidade de criar, pensar e exigir cada vez mais dentro de sala de aula. Também podemos observar que, através do lúdico, conseguimos desenvolver a capacidade de criação dos alunos.

Se desejamos ampliar o processo de reflexão e crítica através da leitura, é importante que o contexto político e cultural entre as instituições e grupos interessados na leitura estejam em constante diálogo. As políticas públicas devem ser melhor desenvolvidas, de forma a haver mais investimento para melhorias das escolas, como a criação de bibliotecas com condições de serem frequentadas pelos alunos, com um acervo de livros diversos. É de suma relevância trabalhar projetos com esses indivíduos, com a participação de pais e comunidade, assim como é importante criar um projeto social para que o preço do livro facilite sua aquisição por todas as classes. Contudo, melhorar as condições das escolas e a merenda escolar também é uma grande prioridade, pois um aluno com fome não consegue ser criativo.

Muitos são os desafios para o sucesso da formação de um leitor. Com políticas mais assertivas, conseguiremos trabalhar com esses indivíduos. E, com uma sociedade mais presente, participativa, exigindo que essas melhorias sejam realizadas, isso pode ser possível.

Logo, temos a importância do livro paradidático para aquisição de conhecimento de mundo, porém trabalhado de forma lúdica, leve, prazerosa, num esforço para transformar a leitura e a rotina escolar de cada indivíduo. Com isso, teremos a interpretação e a formação do senso crítico. A escola deverá levar a leitura num processo de interpretação de textos literários, criando indivíduos pensantes e não marionetes numa sociedade alienada, mas alunos participativos, que sabem o que desejam para seu futuro, num mundo mais amplo.

Os pais e os professores devem proporcionar a interação entre as crianças e os livros, para que descubram um objeto especial e diferente do brinquedo. Os livros contribuem para que essas crianças não passem seu tempo disponível em celulares, internet e outros meios tecnológicos, que muitas vezes têm levado esses indivíduos a escrever errado e a ler mal. A proposta é que eles venham a entender que o livro poderá levá-los a caminhos desconhecidos,

cheios de aventuras, lutas por causas nobres, heróis, vilões, crimes e suas soluções. Esses livros serão capazes de trazer prazer, mas também conhecimento do que se passa no mundo.

Com a sugestão de aulas propostas por este trabalho, espera-se chamar a atenção do indivíduo leitor, resgatar o prazer da leitura e criar cidadãos críticos, capazes de discutirem diversos assuntos. Isso é possível, pois, quando fazemos a leitura de um livro, temos dentro das suas páginas muitas histórias, muito conhecimento de mundo, muita cultura, e partiremos

do princípio de que cultura é o alimento da nossa alma; sem ela não conseguimos conversar, debater, questionar. Só conseguimos aceitar o que nos é imposto.

Pennac (1993) mostra que, para nos reconciliarmos com a leitura, não devemos pedir nada em troca, apenas saborear cada página de um livro, viver cada história, aprender o que ele tem a nos oferecer. A leitura nos possibilita melhorar o futuro dos jovens. E esses jovens serão capazes de se tornar cidadãos questionadores, que dialogam os fatos apresentados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1824) **Constituição Política do Império do Brazil**. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em 01 dez. 2022.

CAMPELLO, B. S.; SILVA, E. V. da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 64-80, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/143430>. Acesso em: 27 set. 2022.

COSTA, F. S; RODRIGUES, J. P. Gêneros e literatura: representações simbólicas em livros paradidáticos da educação infantil. In: **Anais do COGITE - Colóquio sobre gêneros & textos**, 2015, Teresina. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/10917/6255>. Acesso em: 02 nov. 2022.

DE PIETRI, E. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B.. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, L. L. Heranças - a educação no Brasil Colônia. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 8, 2000. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/351>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FERREIRA, N. S. de A.; MELO, E. A. de A. Livros paradidáticos de língua portuguesa: a nova fórmula do velho. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 195–206, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643635>. Acesso em: 10 out. 2022.

LAGUNA, A. G. J. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 2, p. 43-52, aug. 2012. ISSN

2316-3852. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/81. Acesso em: 02 nov. 2022.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2004.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola: Sobre a formação do gosto**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, A. B. **O resgate do prazer da leitura**. 2006. Monografia (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/6733/1/40350579.pdf>. Acesso em 10 out. 2022.

PENNAC, D. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A Criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo, Ática, 1988.

SANDRONI, L. **Ludi e os fantasmas da Biblioteca Nacional**. Ilustração Eduardo Albini. São Paulo: Escarlate, 2017.

SANTOS, L. W. Leitura na escola: como estimular os alunos a ler. In: TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Orgs.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. p. 64-83. Disponível em: http://www.lingnet.pro.br/media/ebooks/leitura_tavaresetal.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, E. T. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

VARGAS, S. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.